

A ARTE LITERÁRIA COMO UMA POSSIBILIDADE À PRÁTICA CLÍNICA INFANTIL

Eixo 2 – Psicoterapia

Bárbara Dalvanna de Souza Isidoro; UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ/PR;
barbaradalvannapsi@gmail.com

Álvaro Marcel Palomo Alves; UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ/PR;
ampalves@gmail.com

INTRODUÇÃO

Neste estudo¹ temos como objetivo discorrer brevemente sobre as possíveis contribuições da literatura, compreendida por Vygotsky (1999) como uma forma de arte, para a prática clínica infantil. O referencial teórico utilizado para análise da temática proposta é a Psicologia Histórico-Cultural que tem como referência principal para o estudo da arte Lev Semionovitch Vygotsky (1999). Em Vygotsky (1999, p. 315) “[...] a arte é uma técnica social do sentimento, um instrumento da sociedade por meio do qual incorpora ao ciclo da vida social os aspectos mais íntimos e pessoais do ser”. Para além disso, o estudo da arte, aqui incluída a literatura, demarca na obra de Vygotsky seu compromisso político e social assumido no período da Revolução Russa de 1917, visando a arte como um instrumento à superação da realidade e construção de outras formas do humano existir, pensar e agir em sociedade. A literatura tem na educação escolar seu principal meio difusor como ferramenta de ensino e aprendizagem, ou como mediação psicopedagógica. Todavia, supomos que a literatura também possa se constituir como uma forma de arte importante ao contexto clínico, mediando, a partir da catarse, uma superação psicológica do sujeito.

Falamos de uma clínica, que também política, não busque a mera adaptação dos sujeitos, nem tampouco se restrinja à investigação do psiquismo, mas que contextualizada historicamente, construa mediações que possibilitem a tomada de consciência sobre as múltiplas determinações sociais que repercutem sobre a vivência e desenvolvimento dos sujeitos. Neste sentido, este artigo propõe a defesa de que a arte tem como função fundamental possibilitar ao indivíduo em processo de desenvolvimento a apropriação de conteúdos

¹ Este artigo é resultante de questionamentos até então possibilitados pela dissertação de mestrado (2020-2022) construída conjuntamente ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Estadual de Maringá, sob orientação do Professor Dr. Álvaro Marcel Palomo Alves, cuja temática central se refere ao estudo das relações entre literatura infantil e gênero/masculinidades. Neste trabalho optamos por realizar um recorte teórico, apontando para as contribuições da literatura no desenvolvimento do psiquismo infantil, referente ao capítulo 3 da dissertação, e suas possibilidades na clínica.



socialmente produzidos e formas socialmente desenvolvidas do sentir. Deste modo, este artigo propõe recapitular a bibliografia existente viabilizando reflexões acerca da junção entre literatura e clínica infantil na Psicologia Histórico-cultural.

METODOLOGIA

Este trabalho tem como metodologia a revisão bibliográfica conceitual. Para o seu desenvolvimento foram utilizadas referências primárias dos textos de Lev Semionovitch Vygotsky que abordam a temática da arte e seu papel no curso do desenvolvimento humano, tais como: Psicologia da Arte (1999), Psicologia Pedagógica (2010) e Sete aulas de L. S. Vygotsky sobre os fundamentos da pedagogia (2018). Posteriormente utilizamos referências secundárias com intuito de complementação e sistematização do conteúdo, demonstrando-se fundamental as produções de Heller (2014), Toffanelli (2014), Abrantes (2011) e outros. Todas as referências foram lidas e fichadas, após serem posteriormente escolhidas a partir de critérios de seleção: estarem incluídas no portal de Teses e Dissertações da CAPES, e auxiliarem na compreensão da temática.

DESENVOLVIMENTO

Para Vygotsky (1999), a arte é necessariamente um objeto cultural a favor do processo de humanização capaz de promover o desenvolvimento e ampliação da consciência. A literatura, como toda produção artística, expõe as marcas da realidade e do contexto em que foi produzida, e, sendo uma produção humana, apreende as relações sociais postas.

Segundo a Psicologia Histórico-cultural a literatura não se constitui - não deve se constituir - como mera reprodução da sociedade, mas, como modo de superação desta. De antemão, fazemos a defesa de uma clínica infantil que não vise a adaptação dos sujeitos, mas a promoção de um desenvolvimento consciente das múltiplas determinações, construindo sujeitos ativos determinados e determinantes à realidade social. Para Vygotsky (1999), quando entramos em contato com uma obra de arte estabelecemos uma relação social, sendo que o social existe mesmo quando há apenas um humano e suas emoções, o que retoma a importância de pensarmos a perspectiva de desenvolvimento humano defendida pela Psicologia Histórico-Cultural, e suas repercussões na clínica, a saber, um desenvolvimento que vai do social para o individual, da objetivação para a subjetivação.

Consideramos a literatura infantil como um instrumento ideológico que possibilita à criança a construção de formas de pensamento mais complexos e abstratos, ampliando também os processos imaginativos na condução de uma realidade objetiva que conecte a realidade individual ao percurso histórico da humanidade, ou seja, que se configure como arte não-cotidiana (ABRANTES, 2011; HELLER, 2014). Neste sentido, demarca-se a importância de literaturas que no contexto clínico auxiliem os sujeitos na formação de conceitos e conhecimentos não-cotidianos, e que como ferramenta de mediação entre os sujeitos e a realidade social possuam uma intencionalidade, explorando pela via da imaginação conteúdos que servirão de base para apropriação e revolução dos papéis sociais. Ressaltamos que o psicólogo tem papel fundamental na mediação dos conhecimentos e afetos construídos e apropriados neste contexto.

A literatura infantil é uma possibilidade de síntese das necessidades socialmente construídas na forma de um “problema” que ganha aspectos imaginativos e criativos, nos quais a criança é interpelada a pensar/refletir/questionar, reflexão esta necessária à clínica infantil. A literatura também não cabe como instrumento de moralização, tornando-se cotidiana e tendo seu sentimento estético amortecido. Além disso, a arte não é passível de uma única explicação ou vivenciamento, nem mesmo quando utilizada como instrumento moral “[...] sem suspeitar que o texto artístico não só não ajuda a assimilá-lo, como infunde uma concepção moral de ordem oposta” (VYGOTSKY, 2010, p. 327).

A partir de Vygotsky (1999) podemos compreender que a arte literária é capaz de realizar mediações entre o indivíduo e o gênero humano, provocando uma reorganização psíquica na medida em que suscita emoções pela contradição entre forma e conteúdo, mobilizando processos afetivos e reflexivos. Em outras palavras, a arte também pode mobilizar processos semelhantes aos do conhecimento científico, diferindo da ciência por seu método (VYGOTSKY, 1999). A arte para a Psicologia Histórico-Cultural tem a função de superação do sentimento individual na medida em que possibilita uma vivência conectada ao coletivo, contrariamente também proporciona o movimento de conversão do social em individual, tendo um importante papel no desenvolvimento do psiquismo humano.

No processo de humanização, o desenvolvimento da subjetividade não existe isolada da objetividade social, uma vez que é a partir da apropriação das objetivações sociais que se dá o desenvolvimento de cada indivíduo singular. Logo, a arte como parte do processo de humanização não se dá de modo natural, inato e unicamente subjetivo, mas necessariamente como parte do desenvolvimento do humano social. Falamos de uma arte que expresse o movimento dialético, não se reduzindo a uma atividade subjetiva, mas que se caracterize “[...]”

como princípio geral de transformação de qualquer material natural ou histórico social” (ABRANTES, 2011, p. 42). Portanto, a arte como objetivação social na psicoterapia infantil pode ser um instrumento de transformação da própria subjetividade humana.

A literatura não é apenas uma ferramenta de letramento e ensino da leitura, mas também um veículo de arte que contém aspectos subjetivos, afetivos e culturais, que por sua potência estética possibilitam uma superação afetiva: a catarse. A catarse refere-se a uma transformação qualitativa das emoções, porque a arte seria sempre “portadora desse comportamento dialético que reconstrói a emoção, e, por isso, sempre envolve a mais complexa atividade de uma luta interna que é resolvida pela catarse” (VYGOTSKY, 1999, p. 239). Ou seja, a arte como contribuição à vivência artística possui função reorganizadora dos comportamentos e afetos humanos.

A vivência é sempre compreendida como de natureza social (VYGOTSKY, 2018), portanto, é a vivência artística que possibilita a superação do sentimento individual, conectando afetividade a realidade social/cultural e promovendo desenvolvimento humano. A partir da vivência artística também é possibilitado à criança dominar o sistema de suas vivências, tornando o encontro com a arte necessário ao desenvolvimento infantil, sendo que o domínio e a superação das vivências ocorrem necessariamente a partir da catarse. A arte literária, também em contexto clínico, possibilita à criança, a partir do vivenciamento e do processo de catarse, a generalização de seus afetos e ampliação do domínio sobre o mundo.

CONCLUSÕES/CONSIDERAÇÕES

Defendemos uma arte literária que mesmo na clínica possibilite aos sujeitos conhecimentos capazes de transformação da realidade circundante, em diálogo com a defesa de Vygotsky (1999) de que a arte era um assunto tão importante que deveria ser abordado pelo Estado a fim de conduzir de forma coletiva e emancipatória os sentimentos e afetos. Segundo Toffanelli (2016), o livro infantil age como um objeto da realidade que se vincula a um determinado posicionamento ético-político podendo agir como obstáculo ou como objeto à emancipação humana. Relembramos que não estamos em uma sociedade revolucionária, mas em uma sociedade de classes, cuja psicologia exerce papel fundamental, ora respondendo aos interesses da classe dominante propagando conhecimentos e práticas “terapêuticas” que mais auxiliam na manutenção das coisas postas, e ora auxiliando na construção de conhecimentos capazes de transformação da realidade. Posto tais apontamentos, ressaltamos a necessidade de questionamento da prática clínica infantil, em que arte não deixa de ser um importante

instrumento de luta contra o capital, portanto não deve pretender-se neutra, legitimando práticas sociais que poderiam ser questionadas, mas agindo como objeto cultural a favor do processo de humanização capaz de promover o desenvolvimento e ampliação da consciência e dos processos afetivos.

Palavras-chave: Arte. Desenvolvimento. Literatura infantil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRANTES, A. **A Educação escolar e a promoção do desenvolvimento do pensamento: A mediação da literatura infantil.** 2011. 257 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.

TOFFANELLI, A. C. **Educar para a diferença: uma análise das relações de gênero presentes na literatura infantil sob o olhar da Psicologia Histórico Cultural e do feminismo de orientação marxista.** 2016. 129 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2016.

HELLER, A. **O Cotidiano e a História.** São Paulo: Paz e Terra, 2014.

VYGOTSKY, L. S. **Psicologia da Arte.** São Paulo: Martins Fontes, 1999.

VYGOTSKY, L. S. **Sete aulas de L. S. Vygotsky sobre os fundamentos da pedagogia.** Rio de Janeiro: E-Papers, 2018.

VYGOTSKY, L. S. A educação estética. In: VYGOTSKY, L. S. **Psicologia pedagógica.** Tradução Paulo Bezerra, São Paulo: Martins Fontes, 2010. p. 323-363.